

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário da Manhã Class.: 39

Data: 24/10/83 Pg.: \_\_\_\_\_



**PATAXÓ: um índio em busca de sua identidade ( 3.ª de uma série)**

## Funai quer preservar e cria outros problemas

Reportagem de Márcia Lage (texto) e Marcos Guião (fotos)

**A** FUNAI (Fundação Nacional do Índio) é como qualquer instituição protetora: ruim com ela, pior sem ela. Para os índios Pataxós ela foi muito importante na demarcação das terras e no trabalho de integração da tribo, dispersada desde o massacre de 1951.

A briga entre índios e guardas do IBDF, e entre a cúpula dos dois organismos durou de 1961, quando o Parque Nacional de Monte Pascoal foi criado, até 1979, quando as terras foram finalmente demarcadas. Dos 22 mil hectares do Parque, coube aos índios apenas 8.700 hectares. A mata é do IBDF e a terra árida dos índios.

Para compensar a perda do espaço físico, a FUNAI desenvolveu um projeto agropecuário para os índios Pataxós que ficariam 78/79, em seis milhões e 988 mil cruzeiros. O projeto previa o plantio de pimenta do reino, cravo, mandioca, frutas diversas, cacau, banana, milho, feijão e coco e, posteriormente, a criação de porcos e estímulo à pesca de camarão.

O projeto não deu certo. O chefe da Equipe Volante de Saúde para as tribos de Minas, Espírito Santo e Sul da Bahia, Adriano José Marques de Freitas, disse numa palestra que ele fez para os estudantes que visitaram os Pataxós na semana passada, que ele não deu certo por dois

motivos: por causa da burocracia da FUNAI e da preguiça e desonestidade dos índios.

A FUNAI é um órgão paternalista. Ela leva às aldeias benefícios desnecessários, criando novas necessidades e impondo aos índios costumes da civilização ou de outras tribos, no seu desejo de preservar a cultura indígena do País.

Com os Pataxós deu-se mais ou menos isto. Ao fomentar a agricultura a FUNAI criou o problema de escoamento da mercadoria, pois deu as sementes, o arado, as pequenas fábricas da farinha, as redes e o adubo, mas não deu o barco.

Ao dar a escola de primeiro grau, ela deu a sede do saber, mas não o saber, pois os índios Pataxós manifestaram o desejo de eles mesmos estudarem enfermagem, medicina e engenharia agrícola, o que jamais será conseguido sem um programa de bolsas de estudo para formação profissional. E ao dar o médico no posto ela criou a dúvida entre os índios, que não sabem mais a quem recorrer: às ervas tradicionalmente usadas ou aos antibióticos e injeções, que acabam não curando porque o modo de vida não é modificado. Então chega o médico e tenta modificar o modo de vida. E assim os índios vão deixando de ser índios.

**Q**UANDO o médico Adriano José Marques de Freitas disse aos estudantes que o projeto agropecuário da FUNAI não deu certo porque os índios Pataxós são preguiçosos, não plantaram e não devolveram o investimento feito, através de mercadorias ou de dinheiro, o cacique Tururim e o subcacique Alfredo estavam perto e não disseram nada. No outro dia, toda a tribo estava em pé de guerra com o médico. Tururim e Alfredo acharam que ele foi grosseiro e mentiroso, primeiro porque ele não vive na tribo, e segundo "porque não é da conta dele falar de agropecuária, mas de medicina". Alfredo nos chamou para conhecer sua plantação de mandioca e abacaxi, a maior da tribo, alguns coqueiros, muitos pés de cana e frutas de fundo de quintal. "O que aconteceu foi o seguinte: a FUNAI mandou a gente preparar as terras para plantar cacau e a gente preparou. Um ano depois ela mandou as sementes. As terras já não prestavam mais. Ai ela suspendeu o projeto do cacau. O que eu tenho aqui eu vou colher em 87, mas plantei por minha conta". O médico havia dito que houve, no primeiro ano do projeto, uma superprodução de abacaxi, que foi perdida porque a FUNAI não conseguiu levar a safra para outras cidades. Mas os índios continuaram plantando abacaxi. Ele disse, também, que o projeto de pesca do camarão não foi para frente porque a FUNAI deu as redes e o camarão foi pescado e vendido a preço de dólar, em Porto Seguro, mas a FUNAI não viu o retorno do dinheiro. Quanto aos outros produtos, eles deveriam ser trocados numa cantina, em pagamento do financiamento, mas isto não ocorreu e a cantina teve que fechar. Finalmente, Adriano José Marques disse que a FUNAI não tem mais nenhum recurso para

aplicar na área e que agora os Pataxós vão ter que viver por conta própria. Ela só vai poder dar o óleo para a saída do barco duas vezes por semana, a escola de primeiro grau (1.ª a 4.ª série somente), a manutenção da enfermaria no posto e a visita dele de quando em vez. Os caciques ficaram magoados pelas insinuações de desonestidade e decepção com o médico, pois tinham muita esperança de que a cantina fosse reaberta, e sentiram em suas palavras que isto não acontecerá mais. "Ele falou o que devia e não devia, e deve ter tido orientação para isso. Mas nós precisamos muito da cantina. Não temos jeito de sair da tribo e o barco da FUNAI não comporta todos os índios. Temos que comprar as coisas lá fora: os tecidos, o açúcar, o café, o óleo. E a cantina aqui era bom por isso. Só que ela foi feita errada. A gente pegava café e pagava com farinha.

E assim não dá certo. Nem todo mundo tem farinha. Muita gente só planta para comer. Nós queremos uma cantina, mas para a gente pagar com dinheiro mesmo. Como uma cooperativa, com todas as coisas que a gente precisa, mas mais barato que em Porto Seguro". E por causa da burocracia da FUNAI e da imposição de programas de cima para baixo que os índios Pataxós buscam recursos fora da instituição. O maior desejo deles é fazerem uma caixa comum para a compra de um barco e de um jipe, para poderem sair com os produtos que elas têm e trazer o que precisam. Da FUNAI, a única coisa que eles acham necessário são o posto médico e a escola.

"Sem escola a gente fica bobo como sempre foi, sem maldade. A escola é importante, índio precisa saber ler. E médico a gente precisa



O pataxó passa necessidades, mas tem um bom nível de saúde. Houve apenas um caso de morte infantil este ano e todas as crianças são fortes

sempre, todo mundo precisa. Eu só não gosto de injeções", diz Tururim. O pavor do cacique por injeção mostra uma outra falha da FUNAI. Ela devia levar para a aldeia médicos homeopatas e não alopatas. O alopa choca a população com injeções, modifica a flora estomacal com antibióticos e acaba com a sabedoria secular da tribo, que acaba trocando suas raízes pelos comprimidos contra dor. Os índios não sabem desta distinção, mas o próprio Adriano reconhece o erro da medicina alopatina na tribo, ao citar a sua tentativa de combater a verminose, única doença dos Pataxós. "O índio é muito forte, pode viver tranquilamente com a verminose. Mas se ele toma o remédio e a verme volta, ele acaba não acreditando na medicina. Por isso a gente quer que eles construam fossas. Mas eles não constroem porque não gostam que as pessoas saibam onde eles vão fazer suas necessidades". Realmente, os Pataxós não gostam de fossa. E também deixam os filtros secos. Filtros que são doados pela FUNAI só se a fossa for construída. Isto numa região cheia de charcos e lagoas, onde os índios não têm sapatos e onde a água fresca é a única defesa da tribo contra o calor intenso do litoral.

## Saúde boa, política errada

O cacique Tururim e o subcacique Alfredo mostram a sua roça, para provar ao médico que mesmo com a burocracia da Funai aquele que quis plantou e colheu

O aleitamento até dois anos de idade e a alimentação à base de peixes e crustáceos podem ser a causa do bom nível de resistência do Pataxó, já que a agricultura não é suficiente

O índio Pataxó é forte e bonito. Os dentes não têm cárie, apenas vão gastando com o tempo, talvez por um tipo de alimentação que os estudantes de odontologia da Católica ainda não conseguiram identificar. Mas os mais novos já têm cárie, por causa do açúcar imposto à tribo, não se sabe por quem.

As crianças são fortes, coradas e bonitas. Têm apenas a barriga crescida, por causa da lombriga. Os adultos costumam ter "strongiloides", um verme que ataca o estômago e provoca problemas gástricos. A média de vida está acima de 80 anos e houve apenas um caso de morte este ano, uma criança que morreu de diarreia.

Mas se o médico vai à tribo eles fazem fila para consultar. Sofrem de um mal típico das populações marginais: "tonitice". O médico proibiu a enfermeira de fazer a ficha de gente que tem tonitice, porque tonitice é fome. Mas não fez nada para combater a fome da tribo.

O Pataxó não tem o que comer. Muitos ficam o dia todo só com um

pouco de farinha e peixe. Mas não são desnutridos, talvez por causa do peixe. Os que plantam têm a mandioca, o abacaxi, a cana e o coco, mais nada. Os que não plantam têm a pesca de siri e caranguejo e pouco peixe e caça. Mas quem conhece um favelado belorizontino percebe a diferença de nível de saúde da população marginal das grandes cidades em relação ao Pataxó.

Adriano José Marques diz que o nível de saúde do Pataxó não é bom. O índio é que é resistente. "Uma criança pataxó passa por uma pneumonia que uma criança de cidade não curaria sem internação".

O médico explica que a região dos Pataxós não é área endêmica de doença de Chagas, que a malária está sob controle da Sucam, não há leishmaniose e nenhuma febre desconhecida. Houve um único caso de tuberculose, mesmo assim de um índio que morou muitos anos fora e agora voltou. Então para que o médico?

"Eu acredito nas ervas deles. Não apenas por crença mas porque há provas científicas a respeito do po-

der de cura de muitas plantas. O sabugueiro, por exemplo, que é usado há milênios para dor e febre, possui salicilato, que é a base de aspirina. Há aspirina na base folha do sabugueiro. Por isso ele cura", explica o médico. Só não explica por que a Funai leva os índios a tomarem aspirina e não chá de sabugueiro.

Depois de tantas contradições, o médico resolve criticar a Funai. Na sua opinião, o grande mal deste órgão é que ele não costuma pedir ajuda a ninguém, julgando-se muito auto-suficiente para lidar com o índio sozinho.

"Nós temos aí a Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI). E leigo, é padre, é médico, é tudo junto. Mas o objetivo é um só. Ajudar o índio. E a Funai e a ANAI estão num ringue. Por quê? Temos o Conselho Indigenista Missionário. O objetivo é um só. Ajudar o índio. E também está num ringue com a Funai. Porque eles não se entendem e não chegam à conclusão de que integrar o índio não é este papo de destruir cultura, não é fazer ele rezar na igreja? Nada disso tem a ver. Integrar o índio é



Adriano José de Freitas, chefe da equipe Volante de Saúde da Funai, fala mal do órgão e dos índios, e deixa toda a tribo magoada

dar a ele oportunidade de escolher se ele quer ser índio ou não quer ser.

Segundo Adriano, a Funai e outras instituições ficam forçando o índio a manter sua cultura depois que ela já foi destruída, criando verdadeiros espetáculos teatrais nas aldeias. "O Pataxó, como todo índio litoral, começou a perder sua identidade quando começaram a ensinar a eles a rezar. Enfiaram na cabeça deles folclores que não existem. Eles rezam por Deus e por Tupã. Tupã é tupi-guarani. E nem é deus, é capeta. E aqui é Deus. Eles falam muitas palavras em Maxacali. A música deles é Maxacali. Eles têm medo que você não acredite que eles são índios. E ficam fazendo estas coisas".

A maior mágoa dos índios Pataxós com relação a Adriano foi porque ele disse que eles são preguiçosos e desonestos. Adriano disse que isso só ocorreu porque foi ele quem disse. Se fosse um índio ninguém reclamava. Mas justificou: "Eu não acho que o índio Pataxó seja preguiçoso e desonesto. Ele foi levado a isto pela Funai, que falhou muito em lidar com

eles. Falhou quando se sentiu autodidata o bastante para independe da ajuda de quem quer que fosse e de confundir integração com aculturação".

Explica: "A gente vai ensinar um índio a tomar banho, a usar uma fossa, está destruindo a cultura dele. Mas se a gente dá pra ele dois jogos de camisa, uma do Atlético e outra do Cruzeiro, e uma bola usada na Copa, eles gostam muito. Deixaram de saber se vai destruir a cultura. Cada um quer aparecer de alguma forma. Mas na hora de fazer eles não se unem (os diversos órgãos indigenistas) e dizem: Não vamos fazer isto porque estamos destruindo a cultura do índio. E ai fica muita coisa empatada.

Para o médico, o principal problema do Pataxó é a sua falta de conscientização. "O Pataxó tem vergonha de ser índio. Não queremos que toda vez que ele saia da aldeia ele vá fantasiado. Mas queremos que ele assuma que é índio. Como o negro assumiu que é negro. Como o branco assumiu que é branco". Será que é tão simples?

